


**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO USO DE MEDICAMENTOS PARA O
TRABALHO DO PROFESSOR SEGUNDO DOCENTES DO ENSINO
FUNDAMENTAL DA REDE MUNICIPAL DE PETRÓPOLIS – RJ**

 <https://doi.org/10.56238/arev6n4-220>

Data de submissão: 13/11/2024

Data de publicação: 13/12/2024

Lívia Carvalho da Fonseca Resende

Mestre em Psicologia

Universidade Católica de Petrópolis

E-mail: liviacfresende@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8103-4496>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6208391377461900>

Julio Cesar Cruz Collares-da-Rocha

Doutor em Psicologia

Universidade Federal do Rio de Janeiro

E-mail: juliorochapesquisa@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1611-1920>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1602716896823911>

RESUMO

Cotidianamente, os professores deparam-se com situações de violência e cobranças no ambiente escolar, além da desvalorização do trabalho docente. Essas questões parecem produzir cada vez mais sofrimento psíquico e, conseqüentemente, leva ao uso de medicamentos por parte de alguns docentes. O objetivo de nossa pesquisa foi identificar as representações sociais (RS) do uso de medicamentos para o trabalho do professor segundo docentes do ensino fundamental da rede municipal de Petrópolis - RJ. O estudo foi realizado com base na teoria das representações sociais (TRS), desenvolvida por Serge Moscovici, e na teoria do núcleo central (TNC), proposta por Jean-Claude Abric. Participaram da pesquisa 200 professores do ensino fundamental, que atuam na rede municipal de educação da referida cidade. Como instrumento, utilizamos um questionário no qual constava um teste de associação livre, cujo termo indutor foi 'uso de medicamentos para o trabalho do professor', além de questões exploratórias sobre o tema e caracterização dos participantes. Os dados oriundos dessa pesquisa foram submetidos a análise prototípica, por meio da utilização do software EVOC 2005, além de análise descritiva dos demais dados. No provável núcleo central (NC) do uso de medicamentos para o trabalho do professor figuraram as cognições relacionadas a considerar necessário o uso deles (necessário) e aos transtornos mentais e sintomas físicos/mentais (tristeza, cansaço, ansiedade e estresse). As dificuldades do trabalho docente parecem estar produzindo sofrimento psíquico, e este está sendo cada vez mais medicalizado.

Palavras-chave: Representações Sociais. Uso de Medicamentos. Trabalho Docente. Medicalização. Ensino Fundamental.

1 INTRODUÇÃO

O termo medicalização, de acordo com as proposições de Freitas e Amarante (2015) passou a ser utilizado nos escritos científicos a partir da segunda metade do século XX. A chamada revolução terapêutica que abarcava os tratamentos com hormônios e antibióticos, o desenvolvimento de vacinas, bem como o triunfo da indústria farmacêutica, ocorreu principalmente em ocasião do fim da Segunda Guerra Mundial e seu impacto afetou significativamente a sociedade da época. Essa mesma sociedade acompanhava com interesse as notícias de que novos medicamentos estavam sendo descobertos, uma vez que os mesmos representavam a esperança de cura. No que tange a saúde mental, nesse mesmo período, deu-se o considerado *boom* das psicoterapias, tal como os estudiosos em voga mencionaram. Até aquele momento, o tratamento das questões da mente encontrava-se limitada à psicanálise e aos tratamentos ligados às teorias comportamentais. Eles elucidam, também, que o desenvolvimento dos psicofármacos foi considerado pela sociedade da época como o surgimento das pílulas milagrosas que seriam capazes de solucionar definitivamente as doenças psíquicas tidas até aquele momento enquanto incuráveis

Carneiro (2014, p. 13) indicou que “o uso abusivo de psicotrópicos é um problema mundial” e, segundo ele, uma das causas desse problema circunda a “cultura do imediatismo das soluções”, uma vez que nesse contexto, a angústia e a tristeza precisam ser superadas de maneira rápida e sem muitos questionamentos, “como se esses sentimentos não fizessem parte do repertório da essência dos sujeitos”.

Carneiro (2014) destaca, também, uma pesquisa que envolve a utilização da fluoxetina. Ele mencionou que em 39.782 receitas especiais, ou controladas, a fluoxetina estava presente em 10.000 delas, e que tal medicação faz parte da nova geração de antidepressivos, utilizado tanto para emagrecer quanto para diminuir ou aliviar dores. Ele aponta, ainda, o fato de que 80% das receitas de fluoxetina foram destinadas a mulheres.

Reis Filho (2014, p. 78) reforça essa questão, visto que, para o autor, as pessoas na atualidade “passam a acreditar que se tornou obsoleto e fora de moda sentir-se angustiado ou enfrentar algum sofrimento”, isso porque “a psiquiatria conta com um vasto e crescente arsenal medicamentoso, cada vez mais preciso e efetivo em seus objetivos de remoção dos sintomas, com cada vez menos efeitos colaterais desagradáveis”.

Freitas e Amarante (2015, p. 12) salientam que em decorrência do medo enfrentado pela sociedade na atualidade, a utilização de medicação aparece como uma promessa de atenuação ou mesmo de superação.

A utilização de medicamentos eclodiu com o objetivo de organizar a vida das pessoas, uma vez que, de acordo com os pesquisadores, apesar de muitos considerarem que a população atual se encontra mais adoecida que outrora, o que acontece na verdade é que “estamos ficando mais doentes em razão de causas inerentes à civilização, entre as quais o grande vilão seria o estresse, por exemplo” (Freitas & Amarante, 2015, p.13).

Zorzanelli, Ortega e Bezerra Júnior (2014, p. 1860) debatem acerca de uma relevante questão no que tange a utilização do termo medicalização: eles realizaram um estudo no qual descrevem um histórico do termo medicalização desde sua primeira utilização nos trabalhos de Bárbara Wootton e de Thomas Szasz, que limitavam a utilização do termo ao âmbito da medicina, até sua abrangência no contexto atual que, segundo os autores, envolvem tanto casos que não abarcam necessariamente algum tipo de enfermidade, como é o caso dos anticoncepcionais, quanto àqueles utilizados para tratar questões cognitivas. Dentre essas diversas formas de utilização da medicação os autores destacaram que é extensa a gama de opções para tratar o que eles chamaram de “objetos medicalizáveis, tais como a infância, comportamentos desviantes, gravidez e parto, timidez, envelhecimento, masculinidade, sobrepeso, tristeza, memória”, dentre outros.

É importante salientar que as pesquisas sobre medicalização no ambiente escolar costumam focalizar nos estudantes, e não nos professores, por exemplo, Lima et al. (2021) pesquisaram a questão de como a medicalização da educação é abordada na escola e Ribeiro e Rodrigues (2020) fizeram uma cartografia acompanhado professores junto a crianças com dificuldades escolares. Apesar disso, algumas pesquisas medicalização docente foram realizadas nos últimos anos (Facci; Esper, 2020, Silva *et al.*, 2023).

Os trabalhos mencionados, relacionados à medicalização da sociedade, nos faz acreditar que os profissionais da Educação – como parte dessa sociedade - estão fazendo uso de medicação em face do trabalho docente e, para compreender essa questão, utilizamos a teoria das representações sociais (TRS) de Serge Moscovici, e a teoria do núcleo central (TNC) proposta por Jean-Claude Abric.

Na segunda metade do século XX, Serge Moscovici realiza uma investigação sobre a representação social da psicanálise, acreditando que grupos sociais diversos têm diferentes representações sobre este objeto: com essa pesquisa, foram lançadas as bases para uma teoria psicossocial interessada em analisar o conhecimento de senso comum, que é substrato para as ações e comunicações entre os sujeitos (Moscovici, 2012).

Para o criador da teoria do núcleo central (TNC) das representações sociais (RS), a representação social é “um conjunto organizado e estruturado de informações, crenças, opiniões e

atitudes; ele constitui um sistema sociocognitivo particular, composto de dois subsistemas: um sistema central (ou núcleo central) e um sistema periférico” (Abric, 2003, p. 38).

Na TNC, a hipótese dela é de que a RS se organiza ao redor de um núcleo central (NC), que dá significado à representação, em torno dele, o sistema periférico possui aspectos mais individualizados e relacionados ao contexto e agindo como agente de defesa da representação (Abric, 2000). Quanto aos tipos de elementos presentes no NC, estes podem ser normativos (relacionados aos valores dos sujeitos, suas ideologias e história) e funcionais (relativos às descrições e caráter prático da representação) (Abric, 2003).

Em face dessa compreensão, visando lançar luz a temática da medicalização docente, o objetivo da pesquisa é analisar as representações sociais do uso de medicamentos para o trabalho do professor segundo docentes do Ensino Fundamental da rede municipal de Petrópolis - RJ.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa e exploratória, utilizando o referencial da teoria do núcleo central (TNC) das representações sociais (RS) desenvolvida por Jean-Claude Abric, cujo objetivo é analisar as representações sociais do uso de medicamentos para o trabalho do professor segundo docentes do Ensino Fundamental da rede municipal de Petrópolis - RJ.

Participaram da pesquisa 200 professores da rede municipal de ensino da Prefeitura de Petrópolis, Rio de Janeiro, que atuam no Ensino Fundamental, de ambos os sexos e, independentemente da idade ou tempo de magistério.

Utilizamos um questionário com pergunta de evocação livre com o termo indutor uso de medicamentos para o trabalho do professor. Foram incluídas no questionário também, perguntas relativas ao objeto pesquisado e à caracterização dos participantes.

Os dados colhidos foram analisados a partir de uma análise prototípica utilizando o software EVOC 2005 (Oliveira *et al.*, 2005), para a construção do quadro de quatro casas, que foi realizada em ocasião da interpretação dos resultados desse trabalho.

O presente trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica de Petrópolis (CEP/UCP), através do cadastro na Plataforma Brasil sob o CAAE número 79329717.6.0000.5281, recebendo o parecer de aprovação em 01/11/2017 sob o número 2.363.264.

3 RESULTADOS

Todos os 200 docentes entrevistados (100%) são professores do Ensino Fundamental, 164 deles (82%) do sexo feminino e 36 (18%) do sexo masculino.

Quanto aos demais resultados sobre a experiência na área da Educação dos participantes, se destacaram as seguintes: quanto ao tempo de atuação no magistério, 42 (21%) tinham entre 16 e 20 anos; quanto à carga horária semanal dos professores, 59 (29,5%) trabalham 40 horas por semana; quanto ao número total de alunos para os quais lecionam 88 (44%) lecionam para até 50 alunos; quanto ao número de turmas para as quais lecionam 52 (26%) atuam entre quatro e 10 turmas; e quanto ao número de escolas nas quais lecionam 93 (46,5%) atuam em apenas uma escola.

Já o resultado obtido, a partir da realização da análise prototípica do uso de medicamentos para o trabalho do professor segundo docentes do Ensino Fundamental da rede municipal de Petrópolis - RJ pode ser observado na tabela a seguir.

Tabela 1. Análise prototípica referente ao termo indutor ‘uso de medicamentos para o trabalho do professor’. Petrópolis, 2017. (n=200)

2017: (n=200)

F >= 19/OMI < 2,9			F >= 19/OMI >= 2,9		
Núcleo central	F	OMI	Primeira periferia	F	OMI
Tristeza	54	2,833	Depressão	36	2,19
Estresse	53	2,509			
Necessidade	51	1,569			
Ansiedade	24	2,583			
Cansaço	23	2,870			
F < 19/OMI < 2,9			F < 19/OMI >= 2,9		
Zona de contraste	F	OMI	Segunda periferia	F	OMI
Dependência	13	2,308	Frustração	13	3,231
Ajuda	11	2,818	Desvalorização	12	4,167
Antidepressivos	11	2,000	Insônia	11	3,364
Desgaste	11	2,727	Sobrecarga	11	3,364

Apresentamos na tabela 1, o resultado oriundo da análise prototípica referente ao termo indutor ‘uso de medicamentos para o trabalho do professor’ no quadro de quatro casas. As cognições que emergiram no provável núcleo central dessa representação foram ‘ansiedade’, ‘cansaço’, ‘estresse’, ‘necessidade’ e ‘tristeza’. Todos esses cognemas apresentaram frequência maior ou igual a 19 e ordem média menor que 2,9.

Na primeira periferia, por sua vez, apareceu a cognição ‘depressão’, com frequência maior ou igual a 19 e ordem média maior ou igual a 2,9. Já na zona de contraste, surgiram as cognições ‘ajuda’, ‘antidepressivos’, ‘dependência’ e ‘desgaste’ com frequência menor que 19 e ordem média inferior a 2,9. Na segunda periferia figuraram os cognemas ‘desvalorização’, ‘frustração’, ‘insônia’ e ‘sobrecarga’, com frequência menor que 19 e ordem média maior ou igual a 2,9.

4 DISCUSSÃO

Acerca da classificação das cognições que figuraram no provável núcleo central da representação social do uso de medicamentos para o trabalho do professor, segundo as proposições de Abric (2003) sobre os elementos constitutivos do NC, pudemos verificar que todos elas são elementos funcionais, pois dizem respeito a aspectos práticos relacionados à representação (‘ansiedade’, ‘cansaço’, ‘estresse’, ‘necessidade’ e ‘tristeza’).

Sobre o cognema ‘ansiedade’ no provável núcleo central, acreditamos que ele fora evocado por se configurar em um transtorno mental para o qual se usa medicamentos. Sobre esse acometimento, Batista *et al.* (2016) identificam em seu estudo, que dentre as 254 fichas que continham diagnósticos relacionados a transtornos mentais reconhecidos pelo CID-10, 6,3% correspondiam a ansiedade.

Parece-nos, portanto, que por conta de amenizar os efeitos da ansiedade, os professores têm feito uso de algum tipo de medicação. Daí a explicação da presença dessa cognição ao serem questionados acerca do uso de medicamentos para o trabalho do professor.

A cognição ‘cansaço’ também figurou dentre aquelas que compreendem o provável núcleo central para o termo indutor ‘uso de medicamentos para o trabalho do professor’. Acreditamos que essa cognição se deu por tratar-se de uma das causas que provocam os transtornos mentais que tem acometido os docentes, transtornos esses que acreditamos serem os responsáveis pelo uso de medicação pelo professorado.

Os estudos evidenciam que o adoecimento psíquico constitui um problema de significativa relevância entre os docentes, tanto no que diz respeito aos sintomas de cansaço mental, nervosismo, quanto na identificação de transtornos mentais comuns (Araújo; Carvalho, 2009, p. 439).

Em relação ao cognema ‘estresse’ no provável núcleo central, acreditamos que uma das causas da evocação dessa cognição foi o fato de que os professores estão se medicalizando na tentativa de amenizar os efeitos do estresse. Freitas e Amarante (2015, p. 13) mencionam que tal como nossas proposições de que os professores estão adoecendo por conta de questões relacionadas ao seu cotidiano, também “estamos ficando mais doentes em razão de causas inerentes à civilização, entre as quais o grande vilão seria o estresse, por exemplo”.

A cognição ‘tristeza’ no provável núcleo central, por sua vez, pareceu-nos apresentar-se tanto em face de terem que lidar com tantas dificuldades na profissão, como também por tratar-se um sintoma da ‘depressão’, cognema esse que apareceu na primeira periferia, mas que, no entanto, apresenta uma frequência muito próxima àquelas delimitadas no provável núcleo central.

Nesse sentido, Carneiro (2014, p. 13) aponta que “o uso abusivo de psicotrópicos é um problema mundial”, pois, segundo o autor, uma das causas desse problema circunda a “cultura do imediatismo das soluções”, uma vez que nesse contexto, a angústia e a tristeza precisam ser superadas de maneira rápida e sem muitos questionamentos. Parece-nos que a tristeza, sentimento comum à experiência humana, está sendo medicalizada pelos professores com o intuito de não evitá-la.

Acreditamos que a cognição ‘necessidade’ no provável núcleo central aponta para o fato de que o uso de medicamento para dar aula é representado como uma necessidade, algo que precisa ser feito para continuar atuando, revelando uma experiência medicalizada na tentativa de controlar/lidar com a realidade. Além disso, parece que estamos diante de uma questão psicológica, visto que os profissionais acreditam que para atuar precisam utilizar medicamentos para as suas mazelas. O uso de medicamentos apresentou-se, pois, enquanto uma questão relacionada à sua prática docente, uma vez que nos parece que um número significativo de professores acredita que precisam realmente deles para lecionar.

Freitas e Amarante (2015, p. 27) preconizam que “a medicalização está de tal forma incorporada em nossas vidas que podemos até considera-la uma segunda natureza. E por ela lutamos, como se ao lutar por mais medicalização estejamos almejando por mais ser”.

Na primeira periferia apareceu apenas o cognema ‘depressão’, tratando-se de mais um transtorno mental que requer a administração de remédio e, possivelmente, esse transtorno afeta alguns dos docentes participantes, e parece ter relação ao cognema a seguir, visto que, diante da depressão faz-se necessário utilizar antidepressivos.

Na zona de contraste apareceu o cognema ‘antidepressivos’, que são medicamentos sabidamente utilizados para tratar transtornos como ansiedade, estresse e depressão. Zorzaneli, Ortega e Bezerra Júnior (2014, p. 1860) ressaltam que dentre as diversas formas de utilização da medicação, é extensa a gama de opções para tratar o que eles chamaram de “objetos medicalizáveis, tais como a infância, comportamentos desviantes, gravidez e parto, timidez, envelhecimento, masculinidade, sobrepeso, tristeza, memória”, dentre outros. Freitas e Amarante (2015, p. 91) apregoam ainda, acerca do uso de antidepressivos e ansiolíticos, que “em nosso cotidiano, propagandas comerciais reforçam tal ideia e a transformam em uma verdade mestre”.

Figurou na zona de contraste também o cognema ‘ajuda’ que acreditamos estar relacionada aos antidepressivos. Os professores consideram, possivelmente, que os medicamentos os ajudam a desenvolver melhor seu trabalho. Freitas e Amarante (2015, p. 12) indicaram que em decorrência do medo enfrentado pela sociedade na atualidade, a utilização de medicação aparece como “promessa de atenuá-lo ou até mesmo superá-lo”.

A cognição ‘dependência’ na zona de contraste faz menção, provavelmente, ao fato de que muitos professores dependem de medicamentos para a sua atuação enquanto docentes. Sobre essa questão, Freitas e Amarante (2015, p. 92) explicaram “que os números disponíveis evidenciam a epidemia da medicalização da tristeza em nossa sociedade”, e que, no ano de 2007, “os antidepressivos passaram a ser as drogas mais frequentemente prescritas, superando os medicamentos para pressão alta”.

O cognema ‘desgaste’ na zona de contraste, por sua vez, nos leva a pensar que o desgaste causado pelo trabalho do professor compreende em um dos fatores que favorecem o uso de medicamentos para o trabalho do professor.

Os reflexos mais visíveis do mal-estar que atinge os professores podem ser observados na grande incidência de pedidos de licença para tratamento de saúde, em particular aquelas atribuídas a transtornos psíquicos que estão sendo tratados como síndrome do esgotamento profissional, também conhecida como síndrome de burnout (Xavier, 2014, p. 837).

Em suma, as RS uso de medicamentos para o trabalho do professor parecem estar relacionadas a considerar necessário o uso e aos transtornos mentais e sintomas físicos/mentais que acometem os profissionais envolvidos na atividade de educar.

5 CONCLUSÃO

Acerca do resultado da pesquisa sobre representações sociais do uso de medicamentos para o trabalho do professor segundo docentes do Ensino Fundamental da rede municipal de Petrópolis - RJ, pareceu-nos que usar medicamentos nessa atividade profissional trata-se de uma necessidade para produzir alívio e promover um desempenho mais satisfatório do professor e, ao mesmo tempo, isso demonstra o adoecimento psíquico deste, seja em face da própria atividade docente, como por outras experiências de vida e relações desenvolvidas.

No provável núcleo central da RS do uso de medicamentos para o trabalho do professor figuraram os cognemas ‘ansiedade’, ‘cansaço’ e ‘estresse’: dois desses cognemas (‘ansiedade’ e ‘estresse’) são considerados transtornos mentais que, provavelmente, incidem sobre alguns dos docentes participantes da pesquisa, ensejando a necessidade que pode conduzir a medicalização.

Acreditamos que tal necessidade do uso de medicamentos para o trabalho do professor tem como causas, os transtornos mentais atualmente corriqueiros no meio docente como a ansiedade, o estresse e a depressão, que são provocados pelo cansaço, pela tristeza, pelo desgaste comuns na profissão, pelas relações interpessoais dentro e fora da sala de aula, dentre outros fatores.

Pensamos que são necessárias ações para cooperar para a redução dos transtornos mentais e da medicalização, e isto passa pela valorização da atividade docente e o apoio / tratamento para docentes afetados por problemas de saúde mental, mas também, pela análise e redução dos problemas que assolam as unidades escolares do ponto de vista do trabalho e das relações em sala de aula e no ambiente escolar como um todo. O poder público e a sociedade civil precisam velar pelos professores, tendo em vista que são eles que concretizam muitas metas da Educação e precisam ser valorizados e reconhecidos.

REFERÊNCIAS

- ABRIC, J.-C. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (orgs.). Estudos interdisciplinares de representação social. 2. ed. rev. Goiânia: AB Editora, 2000. p. 27-38.
- ABRIC, J.-C. A abordagem estrutural das representações sociais: desenvolvimentos recentes. In: CAMPOS, P. H. C.; LOUREIRO, M. C. S. (org.). Representações sociais e práticas educativas. Goiânia: Ed. da UCG, 2003. p. 37-57.
- ARAÚJO, J. M.; CARVALHO, F. M. Condições de trabalho docente e saúde na Bahia: estudos epidemiológicos. Educação e Sociedade, v. 30, n. 107, p. 427-449, 2009.
- BATISTA, J. B. V.; CARLOTTO, M. S.; OLIVEIRA, M. N. ZACCARA, A. A. L.; BARROS, E. O.; DUARTE, M. C. S. Transtornos mentais em professores universitários: estudo em um serviço de perícia médica. Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online, v. 8, n. 2, p. 4538-4548, 2016.
- CARNEIRO, P. C. Novas práticas em saúde mental: Caminhando para uma clínica do sujeito na reforma psiquiátrica brasileira. In: MENEZES, L. S.; ARMANDO, G. G.; VIEIRA, P. (org.). Medicação ou Medicalização? São Paulo: Primavera Editorial, 2014. p. 13-23.
- FACCI, M. G. D.; ESPER, M. B. S. B. Adoecimento e medicalização de professores universitários frente a precarização e intensificação do trabalho. Movimento-revista de educação, v. 7, n. 15, 23 dez. 2020.
- FREITAS, F.; AMARANTE, P. Medicalização em Psiquiatria. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2015.
- LIMA, M. L. C. *et al.*. DEBATENDO SOBRE MEDICALIZAÇÃO COM DOCENTES EM ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS. Psicologia Escolar e Educacional, v. 25, p. e222921, 2021.
- MOSCOVICI, S. A psicanálise, sua imagem e seu público. Petrópolis: Vozes, 2012.
- OLIVEIRA, D. C. *et al.*. Análise das evocações livres: uma técnica de análise estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P. (org.). Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais. João Pessoa, PB: Editora Universitária, 2005. p. 573-603.
- RIBEIRO, E. F.; RODRIGUES, M. G. A.. Estudo sobre a prática docente frente à medicalização da aprendizagem. Psicologia Escolar e Educacional, v. 24, p. e218032, 2020.
- REIS FILHO, E. Psicanálise e Psicofármacos. In: MENEZES, L. S.; ARMANDO, G. G.; VIEIRA, P. (Orgs.). Medicação ou Medicalização? São Paulo: Primavera Editorial, 2014. p. 77-89.
- SILVA, J. C. *et al.* “Desgastes e sacrifícios” medicados: A relação trabalho e adoecimento na vida das professoras brasileiras. Psico, [S. l.], v. 54, n. 2, p. e42671, 2023.
- XAVIER, L. N. A construção social e histórica da profissão docente: uma síntese necessária. Revista Brasileira de Educação, v. 19, n. 59, p. 827-849, 2014.

ZORZANELLI, R. T.; ORTEGA, F.; BEZERRA JÚNIOR, B. Um panorama sobre as variações em torno do conceito de medicalização entre 1959-2010. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 19, n. 6, p. 1859-1868, 2014.